

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.018

SAÚDE DO HOMEM NA EDUCAÇÃO: UMA TEMÁTICA QUE PRECISA SER ENTENDIDA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PÓS-CRÍTICA

VERUSCKA PEDROSA BARRETO

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Docente da Universidade Federal de Campina Grande - barretoveruscka@gmail.com

RESUMO

Um sujeito padrão masculino e universal é produzido a partir dos determinantes de gênero marcando as verdades apresentados nos currículos, nos quais os processos educativos em saúde se dirigem, pondo em evidência as práticas tidas como normais. Além de ensinar sobre gênero, os currículos também operam com pensamentos e raciocínios generificados, que determinam capacidades a homens e cobram certas condutas. Muitos são os problemas acerca da saúde do homem, e a formação pode está relacionada aos constantes entraves vistos pelos apontamentos epidemiológicos. Neste trabalho, temos como objetivo discutir a saúde do homem na educação como uma temática que precisa ser entendida a partir de uma perspectiva pós-crítica, pois acreditamos que a partir dessa metodologia e da insatisfação com o que se já se sabe, produziremos novos olhares sobre pontos de interesse dos currículos, compreendendo suas relações, constituições e influências. Diante de uma análise descritiva sobre o tema, problematizamos que normas e condutas estabelecem forças sobre as práticas em saúde e estudar masculinidades nos faz entender alguns atravessamentos importantes. Seria pensar modos pelos quais se podem compor metodologias sem os excessos de rigidez e de recomendações que, tradicionalmente, têm permeado a ciência moderna. Nesta direção, é que tentamos trazer as contribuições das teorias pós-críticas para a saúde do homem na educação, em seus modos de pesquisar, percorrendo os caminhos, desbravando trilhas, mas sempre se mantendo uma base determinada aplicada a uma dada perspectiva teórica. Planejando, anotando e avaliando os percursos, para, dessa forma, fazer revisões e manter o olhar sob outros ângulos.

Palavras-chave: Saúde do homem, Educação, Pós-crítica

INTRODUÇÃO

A partir de reconstruções dos papéis sociais, políticos e culturais, importantes reflexões a respeito do papel masculino na contemporaneidade, podem ser feitas, e que podem influenciar diretamente na saúde dos indivíduos. Ser masculino para transpor suas potencialidades, deixando seu corpo e a vida em uma dimensão de fortaleza inabalável, coniventes aos papéis estabelecidos e devidamente construídos, enquanto ser mulher, deixando o sujeito assim determinado, na posição de promover um cuidado instituído, cuidando de si e dos outros (Macedo *et al.*, 2010).

Conforme Figueiredo (2008), as diferenças no processo de saúde foram melhores entendidas com a utilização de gênero como categoria analítica, pois importantes considerações se tornaram possíveis a partir dos entendimentos de saúde e práticas sociais. O gênero que, no início, era atribuído às mulheres passou a incluir a figura masculina como um processo relacional, onde os entendimentos sobre relações de poder e construções de papéis se tornaram presentes para dar visibilidades aos estudos.

Ao longo da história, os homens foram incentivados a aprender e reproduzir comportamentos agressivos e a reprimir seus sentimentos, perpetuando estereótipos associados à construção social de uma masculinidade, que é considerada até “tóxica”. Esse comportamento negativo não só faz mal como adocece o homem, colocando sua saúde e integridade física em perigo. Tais estereótipos de gênero vêm adoecendo a população masculina, uma vez que a vivência de sentimentos e demonstração de afeto, o cuidado com a saúde e o bem estar, como também evitar um estilo de vida perigoso, são considerados atributos femininos e, portanto, na perspectiva da masculinidade tóxica, esses cuidados devem ser ignorados (Silva; Macedo, 2012).

Pensamos a partir de alguns trabalhos já realizados, os quais apontam ao distanciamento dos homens dos serviços de saúde e até mesmos sobre as práticas e escolhas acerca do cuidado em saúde. Observamos uma grande e cultural negligência sobre cuidado, tanto pelos homens quanto as relações às práticas profissionais e assistenciais.

Argumento que os currículos em saúde, aqui uma atenção dada a Enfermagem e Medicina da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), estão permeados por discursos que produzem masculinidades e que atravessam as práticas em

saúde consideradas para o homem. Entendemos que as Diretrizes Curriculares e os Projetos Pedagógicos dos Cursos são meios que produzem, propagam e ainda são produzidos por discursos masculinos, contribuindo com a realidade encontrada nos serviços de saúde. Dessa forma, podem estar colaborando com o distanciamento do público masculino e a perspectiva de pouco cuidado, o que nos levou a problematizar a formação sobre saúde do homem direcionada para tais cursos. Entendendo-se como e porque os dispositivos que operam sobre a formação profissional partem de tipos de masculinidades que são (re)produzidas inclusive a nível dos serviços de saúde.

Neste trabalho, temos como objetivo discutir a saúde do homem na educação como uma temática que precisa ser entendida a partir de uma perspectiva pós-crítica, pois acreditamos que a partir dessa metodologia e da insatisfação com o que se já se sabe, produziremos novos olhares sobre pontos de interesse dos currículos, compreendendo suas relações, constituições e influências. Diante de uma análise descritiva sobre o tema, problematizamos que normas e condutas estabelecem forças sobre as práticas em saúde e estudar masculinidades nos faz entender alguns atravessamentos importantes.

Nesse movimento de disputas e jogos científicos, alocamos a pesquisa aqui idealizada. Fazer ciência em momento, pesquisar e, ao mesmo tempo, criar possibilidades e formas de investigar a partir da dinâmica de descrição e análises, do pensar ao problematizar se faz necessário ao momento atual da educação. Nesses caminhos a percorrer, percursos a trilhar, teremos como alicerce determinados conteúdos, perspectivas ou teorias (Meyer e Paraíso, 2012). Assim, a escolha pela metodologia que norteou o desenvolvimento da nossa pesquisa, foi o desenho geral do tipo estudo qualitativo. Metodologia amparada por pressupostos pós-críticos e de inspiração na análise do discurso foucaultiana, por sua vez, consideradas as contribuições das Teorias de Gênero, sobretudo, a perspectiva feminista, além dos estudos acerca da relação entre os homens e o processo de saúde/adoecimento/cuidado. Tivemos como ponto de partida a análise de documentos (diretrizes curriculares para os cursos, pareceres técnicos, política pública destinada ao homem e o plano de execução da política, apresentados no quadro 1) no qual, analisamos aspectos da construção para a formação em Enfermagem e Medicina de uma Universidade Federal de Campina Grande, situada no alto sertão paraibano.

Nas pesquisas pós-críticas, acredita-se que a metodologia deva estar em constante movimento, enquanto pesquisamos poderemos (re)construir o processo.

É durante o percurso que descobrimos como será a ação, onde as perguntas e as trilhas estiveram sempre em construção. Em movimento se vive, e se cria vida. Em movimento, seguimos pensando e associando aspectos do desenvolvimento biológico do ser, até então entendidos, fixados em uma rede de conhecimentos que justificam o início e estado do que conhecemos do ser humano. É nesse processo que se seguem, em torno de modelos, se tornam dependentes de influências outras, que terminam por (re)significar a ação. Sobre essa estética da existência nos permitiu pensar esse movimento do conhecimento, abrindo-se ao mecanismo de problematizar. E isso nos fascinou, nos motivou. Em analogia do que se tem de conhecimento e permitiu o pensamento, saindo do que se tem como bases fixas, ao imaginário relacional, da vida com origem regulada, a criação de quantas formas contemplativas possíveis.

Assim, investigar e analisar de acordo com o que se coloca como objeto em questão, e em um dado momento multiplicar os sentidos e perceber as diferenças, pensando currículos e práticas a partir de produções e invenções (Paraíso, 2004). Nossas práticas sempre foram dependentes dos nossos questionamentos e das formas que chegamos a eles, e isto se tornou um modo determinante para formularmos nossos problemas e desafios. Uma metodologia construída durante o processo da investigação, de acordo com as especificidades e necessidades apresentadas durante e a partir das interrogações realizadas. Sem roteiros pré-estabelecidos, as teorias pós-críticas rompem a dureza atribuída normalmente durante o processo investigativo, algo como um conjunto de procedimentos de investigação e análise quase prazerosos sem maiores preocupações com regras (Cardoso, 2014). Seria “[...] pensar modos pelos quais se pode compor metodologias sem os excessos de rigidez e de recomendações que, tradicionalmente, têm permeado a ciência moderna” (Cardoso, 2014 p. 221).

METODOLOGIA

Diante de uma análise descritiva sobre o tema, problematizamos que normas e condutas estabelecem forças sobre as práticas em saúde e estudar masculinidades nos faz entender alguns atravessamentos importantes. Seria pensar modos pelos quais se podem compor metodologias sem os excessos de rigidez e de recomendações que, tradicionalmente, têm permeado a ciência moderna.

A inspiração nos permite realizar uma ciência sem rigidez, onde ferramentas específicas foram sim utilizadas, mas puderam sofrer constantes adaptações. Onde as múltiplas possibilidades de realizar nos deram possibilidades de encontros e novos caminhos: “Uma ciência sem modelos, em que o único paradigma permitido é o da invenção” (Cardoso; Paraíso, 2013). E não é somente importante escolher uma metodologia que nos permita seguir, mas aquela que nos surpreenda e crie possibilidades para destravar qualquer impossibilidade. Essa metodologia nos dá novos modos de perguntar e de problematizar, articulando a pesquisa aos procedimentos para a realização.

Em um movimento contínuo de planejar, anotar e avalia os movimentos, para rever, ressignificar e olhar sob outros ângulos. Num “ziguezaguar” como modo de pesquisar – movimentando no espaço entre o objeto de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar. Ziguezaguar entre esse objeto e os pensamentos que nos movem e mobilizam para experimentar, expressar nossas lutas, inventar (Meyer; Paraíso, 2012 p).

As pesquisas pós-críticas alcançam expressão e determinação, principalmente quando rompe com os paradigmas das pesquisas críticas ganhando novos caminhos e formatos, convergindo com esforços de um trabalho, mediante o “[...] pressuposto de que teoria e método são indissociáveis e de que nossas opções metodológicas precisam fazer sentido dentro do referencial teórico no qual as inscrevemos” (Meyer, 2014, p. 50).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, as teorias pós-críticas, na perspectiva das reivindicações, colocam em questão nossas noções de educação e currículo, as quais têm seu legado na Modernidade (Silva, 2010). As pesquisas pós-críticas utilizam “[...] uma série de ferramentas conceituais, de operações analíticas e de processos investigativos que as destacam tanto das teorias tradicionais como das teorias críticas que as precederam” (Paraíso, 2004, p. 284), levando dessa forma ao aprofundamento dos aspectos do pós-modernismo nos tempos atuais. Segundo Lopes (2013), um tempo de explosão das demandas particulares e das lutas da diferença, de aceleração das trocas culturais e dos fluxos globais, de compressão espaço-temporal. Os lugares e o tempo estão juntos e indissociáveis, e podemos estar em qualquer lugar

a qualquer tempo, de acordo com Lopes (2013, p. 2), “[...] relativizemos a ideia de passado e a de futuro, já que narramos a nossa vida tendo em vista um passado que inventamos e um futuro que projetamos passado e futuro que não são os mesmos nos diferentes lugares”.

Pesquisar sob um processo compreendido por constantes conduções, em direções diversas e reinvenções. O ser em desenvolvimento por nós pensado aqui, se desloca com o objetivo de encontrar um ponto de fixação, não para ali concluir algo, mas para a partir dali seguir com o processo de estar cada vez mais ativo e tomar conhecimento de como desbravar as possibilidades. Quando esse ser se implanta, ele se abrirá para o desabrochar com multiplicação de células para o deslocamento para se constituir em partes e encontrar um formato. É com esse formato de deslocamentos, riscos e edificações de partes que se segue uma “metodologia de desenvolvimento”.

Acreditando em uma ciência em curso entre a arte e a magia da metodologia alquimista descrita por Cardoso (2012), nessa alquimia para descobertas, encontramos sentidos no transcórrer do processo, em que “[...] a metodologia é resultante de uma junção híbrida de procedimentos lidos de diferentes modos de pesquisar”, exemplifica ainda em sua pesquisa que “[...] a metodologia alquimista gosta do não método, da mistura, da magia, da possibilidade, do proibido, do risco [...]”, mas ela também é fruto de nossa criatividade e vontade de pesquisar, “[...] de nossa re-significação do lido, de nossas recriações e invenções” (Cardoso, 2014, p. 239-240).

Diante do que foi dito, nos guiamos para o desenvolvimento dessa pesquisa, com a proposta de remodelar metodologias para que não se constituam apenas como modelos de reprodução. Nessa perspectiva plural, exploramos novas formas de pensar, falar e potencializar práticas. Reconhecemos que “[...] uma teoria pós-crítica, integrando uma pluralidade de teorias, nos estudos curriculares contemporâneos buscará a compreensibilidade do conhecimento, orientado para a reconstrução do significado social e subjetivo [...]” (Foucault, 2007, p. 502). Temos em que economia racional se torna a base das políticas cada vez mais normalizadora com propostas curriculares padronizadas, a teoria pós-crítica torna-se pertinente para recuperar o potencial de pensamento, contribuindo com mudanças principalmente nos processos e práticas educacionais, bem como também abrangendo a formação em saúde. A partir do traçado que assumimos, articulamos algumas teorizações que nos levaram a novos formatos de entendimentos. Até mesmo durante o desenvolvimento humano, nada é certo, parte-se de uma sequência de mecanismos

que podem ser moldados de acordo com o ambiente que está. Dessa forma, nos conduzimos neste imprevisto de pesquisar, nos construindo e nos fortalecendo no processo de fazer e ser.

Pelas análises das pós-críticas, pretendemos olhar sob novas lentes, para assim percebermos novos caminhos e entendermos os traços dos já percorridos. Por esse formato, faremos refluir uma ciência, uma pesquisa que subverte as normas e os padrões que muitas vezes nos impedem de seguir por novas possibilidades investigativas (Paraíso; Meyer, 2012). A busca pelo desconhecido nos move, nos inquieta a seguir o novo, mas que também nos faça alcançar o conhecimento almejado.

Os conhecimentos encontrados no caminho nos possibilitou enxergar as condições para investigarmos, interrogarmos o que e por que certas coisas foram ditas ou vistas. Tais interrogações e as respostas produzidas dependeram das nossas escolhas, criando um movimento indispensável de aproximação e afastamento que traduziram as relações estabelecidas por tais atividades.

Nessa direção, tentamos trazer as contribuições das teorias pós-críticas para a saúde do homem na educação, em seus modos de pesquisar, percorrendo os caminhos, desbravando trilhas, mas sempre mantendo uma base determinada aplicada a uma dada perspectiva teórica. Planejando, anotando e avaliando os percursos, para dessa forma fazer revisões e sempre manter o olhar sob outros ângulos, que segundo Meyer e Paraíso (2012), num “zigzaguear” como forma de trabalhar. Zigzagueando segue também o ser em desenvolvimento, de lado para o outro no útero, dois dias flutuando, entre saliências e reentrâncias, se alterna até encontrar o ponto para o início da fixação. Pesquisar e flutuar sobre possibilidades, movimenta os lugares entre o que se quer pesquisar e o que já foi produzido. No entanto, o questionamento, a desconfiança e o estranhamento terminam por anunciar novas forças.

E é da insatisfação com o que se já se conhece, que surgem os motivos para investigar o novo. A insatisfação permite que sua experiência de pensamento se engaje na criação de uma nova política de verdades, novas formas de pensar, significar, analisar, desejar, atribuir, produzir sentidos e interrogar em que sentidos existem (Corazza, 2002).

Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para

interrogar e descrever-analisar nosso objeto. Aproximamo-nos daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações. Movimentamo-nos para impedir a “paralisa” das informações que produzimos e que precisamos descrever-analisar. Movimentamo-nos, em síntese, para multiplicar sentidos, formas, lutas (Meyer, 2012, p. 17).

Deve-se investir em educação e em currículo, e para isso, se faz necessário ampliar nossas categorias de análise e deixar de priorizar apenas alguns aspectos, passando assim, a entender questões que se entrelaçam em suas multiplicidades e multiculturalidade (Pereira, 2019). Construir nossa trajetória de pesquisa fundamentando o porquê de que “[...] nos mostram o que é preciso levar em consideração para construirmos os modos de interrogar adequados à perspectiva com a qual estamos trabalhando” (Paraíso, 2012).

Portanto, partindo da insatisfação com o que já se sabe, é que uma pesquisa com caráter pós-crítico surge. Dessa insatisfação, nascem novos formatos de significar, analisar, pensar sobre a criação de artifícios para se atribuir novas verdades. Encontrando na experiência do pensamento, o engajar de sentidos produzidos por tais verdades (Corazza, 2002). Ainda segundo a autora, para pesquisar é necessário indagar sobre elementos do mundo, duvidando dos sentidos e significações que transcendem os estatutos de verdades. Um problema de pesquisa não é descoberto, mas engendrado e constituído a partir do desconfiar de toda e qualquer concepção analisada. Seguindo a linha de pensamento de Paraíso (2004, p. 284-285), “[...] suas produções e invenções têm pensado práticas educacionais, currículos e pedagogias que apontam para a abertura, a transgressão, a subversão, a multiplicação de sentidos e para a diferença”.

Corazza (2002) defende que os caminhos para a investigação nessa perspectiva devem repensar sobre as confortáveis teorias, onde repousam os já-sabidos e dismantelar nossas crenças, princípios e práticas estabelecidas, dessa forma duvidar não é só uma posição, mas um ponto para se questionar as alianças, hipóteses consolidadas, práticas teóricas e metodologias sólidas.

Investigando e analisando os currículos trazidos nesse trabalho, pretendemos desaprender o que já sei sobre eles, para tentar compreender as relações que os produziram. Buscamos isto enquanto caminhamos, mas sem pretensão de destino certo, pois tão impossível como ser neutro a qualquer objeto, considerando

que nós mesmos o construímos, é ser exterior e estranho a qualquer coisa que nos atravessa, e por isto assumimos essa implicação.

A partir da flexibilidade dessa forma de se pesquisar e inserindo-se nos contextos sociais, identificamos os discursos e as constituições que contribuem para modos de dominação, a subjetividade do pesquisador torna-se uma valiosa modalidade a favor da investigação.

O movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função a desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade (Foucault, 1990, p. 2).

Diante do que foi dito, este estudo que representará uma modalidade de investigação partindo da realidade inerente dos modelos formativos propostos frente à saúde do homem, permitindo um entendimento para assim produzir conhecimento que sirva como um ponto de partida para início de mudanças no campo acadêmico, sendo um caminho a se chegar a melhor prática nos serviços frente a saúde de homem e a saúde geral da população. Nessa perspectiva, ao determinar o campo, surgem “[...] determinadas possibilidades de elaborar perguntas e objetos de pesquisa, planejar a investigação, movimentar-se no processo de sua implementação, operar sobre o material empírico que nele produzimos e compor o texto que resulta da análise que dele fazemos” (Meyer *et al.*, 2014, p. 51).

Partindo do entendimento que os estudos sobre masculinidades se relacionam com a saúde do homem, considerando também que os cuidados em saúde perpassam pela força da vontade e entendimentos sobre ela. Normas e condutas estabelecem forças sobre as práticas em saúde tanto individuais quanto coletivas, e estudar masculinidades e saúde nos fez entender alguns atravessamentos importantes. Assumimos como base de estudo para produzir novos olhares sobre pontos de interesse nos currículos para compreender suas relações, constituições e influências.

Meyer (2004) destaca que as análises empreendidas sobre gênero nos currículos, devem ser consideradas as relações de poder entre homens e mulheres e o diverso mundo teórico sobre os sujeitos de gênero. Tais influências nos fizeram pensar sobre algumas estratégias, saberes e práticas educativas voltadas à saúde do homem em diferentes formatos e tipos de sujeitos. A manutenção de

determinadas práticas, consideradas sobre os símbolos e normas de uma sociedade, atravessam os currículos e, conseqüentemente, as ações em saúde. Neste estudo, tratamos implicações importantes sobre vários tipos de homens a nível dos serviços e da saúde, mas consideramos também os tipos excluídos dos currículos e das práticas em saúde, marcados como os sujeitos da diferença, ilegítimos, reproduzidos pelas desigualdades de gênero, que desviam necessidades e a qualidade de vida humana em suas subjetividades. Tentamos entender por que alguns grupos são excluídos das diretrizes e PPC, grupos de homens fora de padrão, como por exemplo, os homens trans.

Essa interdição, para Foucault (1990) diz respeito ao controle do que pode ser dito, em que circunstância e a quem é permitido falar. Dessa maneira, com relação à discussão sobre masculinidades há um olhar fortemente regulador, o que faz com que quando ocorre alguma tentativa de dar visibilidade a tais grupos excluídos da sociedade e dos espaços educacionais, um contra movimento se forma com o intuito de apagá-los. Isso ocorre, por exemplo, quando tais questões deixam de ser nomeadas em documentos oficiais analisados.

Um sujeito padrão masculino e universal é produzido a partir dos determinantes de gênero, onde o sexo biológico que termina por influenciar e marcar conseqüentemente a sexualidade. Esse tipo de homem remata por estar relacionado às verdades apresentadas nos currículos, a que os processos educativos em saúde se dirigem, pondo em evidência as práticas em saúde tidas como normais. Paraíso e Caldeira (2016) mostram que os currículos além de ensinar sobre gênero, também operam com pensamentos e raciocínios generificados que atribuem capacidades, a homens e mulheres e cobram certas condutas referentes a seu sexo. Dessa forma pensamos e analisamos os currículos de Enfermagem e Medicina, procurando relacionar condutas vistas dentro das masculinidades. Pontos estratégicos que estão lá, apresentados e entendidos nos discursos que enunciam o que identificamos como práticas.

Dessa forma, ao construir as diretrizes deste trabalho, fomos considerar o que já foi dito, as produções e teorias relacionadas ao objeto aqui estudado (Meyer, 2011). Ocupamos e seguimos por um norte já encontrado, então a partir disso, novos caminhos e desafios, problematizando mais do que encontrando respostas, criando esse momento que é peculiar das pesquisas pós-críticas. Por fim, foi possível encontrar com os mais tortuosos caminhos para pensar a educação e os currículos na saúde do homem, surgiram algumas premissas e alguns pressupostos

importantes que nos auxiliaram a construir nossos processos formativos. Seria “[...] pensar modos pelos quais se podem compor metodologias sem os excessos de rigidez e de recomendações que, tradicionalmente, têm permeado a ciência moderna” (Cardoso 2014, p. 221). Certamente é necessário ser pesquisador conectado com os desafios educacionais, culturais, sociais e políticos do nosso tempo. “Um tempo que demanda de nós não apenas a compreensão do mundo que em vivemos, mas, sobretudo, a criação de instantes de suspensão dos sentidos já criados e a abertura de possibilidades de sua ressignificação” (Meyer; Paraíso, 2012, p. 6).

Em um caminhar considerando as teorizações e princípios básicos, referem uma atitude de distanciamento ao que existe como realidades, sendo que “a reconstrução social e subjetiva não pode ocorrer sem conhecimento acadêmico”, desta maneira, segundo Pacheco (2013), “[...] uma teoria pós-crítica, integrando uma pluralidade de teorias, nos estudos curriculares contemporâneos buscará a compreensibilidade do conhecimento, orientado para a “reconstrução do significado social e subjetivo” (Pacheco, 2013, p. 20), o que introduz a inúmeras possibilidades, no que o sujeito é e pode ser, em modos de sua singularidade e subjetividade.

De acordo com Foucault, sujeitos de certo tipo são formados a partir das relações que constituem as práticas por meio dos quais os seres humanos se constituem consigo mesmos e com os outros. Nessas relações, de diferentes modos os indivíduos são subjetivados e passam a constituir a si mesmos. Esses modos (subjetivação), por sua vez, são sempre centrados e amplamente diversos, nos modos de existência que produzem, de acordo com a época e o tipo de construção social, produzindo assim a significação e símbolos por meio dos quais produzem os significados que dão sentido a existência do que somos e fazemos, portanto, “[...] é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos [...]” (Silva, 2008, p. 17).

Trazemos aqui o conceito de subjetividade que nos aproxima da perspectiva de Foucault (1995), que é algo produzido, moldado, fabricado em diferentes práticas discursivas, em relações de poder-saber. Uma leitura de sujeito considerado dinâmico, instável e provisório, que surge no vinco de diferentes forças, saberes, poderes e técnicas de si. Os modos de subjetivação são as formas predominantes dessa relação, constituindo a maneira particular como cada um coloca suas relações de vida (Nardi, 2006).

Segundo Veiga-Neto (2005), a educação e práticas contribuem para o desabrochar dos sujeitos, e isso, é comparado por todas as correntes pedagógicas.

Em uma análise em que o sujeito se molda no interior dessas práticas, mas que podemos examiná-las em discursos e não discursos que os constituem, e que a problematização desse sujeito poderá revelar como esse chegou a ser o que dizemos que ele é, e como se engendrou historicamente tudo isto que dizemos dele.

Nessa dimensão, exploramos os vícios das subjetividades e dos modos de subjetivação. E assim, é comum perguntamos nessa forma de pesquisar: que dispositivos são acionados na produção de determinados tipos de homens? Por que queremos que os profissionais de Enfermagem e Medicina se tornem um sujeito de um certo tipo?; quais sujeitos são formados a partir dos dispositivos do currículo? E, nesse caso, têm sido descritos “enunciados” e perseguidas as técnicas de dominação e forças de saberes que atuam nas normas do currículo.

Segundo Foucault (1995, p. 235), “[...] sujeito a alguém pelo controle e dependência e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e toma sujeito a.”. Os currículos são configurados nas teorias pós-críticas em educação como componente cultural importante na produção de sujeitos, onde é visto como meios de poder, diante da possibilidade de se produzir subjetividades ditas ideias (Silva, 2010). Dessa forma os currículos são campos de contestação onde o conhecimento que constitui o currículo está envolvido naquilo que somos e nos tornamos, na nossa subjetividade. Sendo importante os novos caminhos, sobretudo percorrendo por aqueles que nos permitiram um olhar amplo sobre os nossos objetos de pesquisa (Paraíso, 2012).

Abordando políticas públicas e currículos institucionalizados, é importante destacar que a noção de governo e governo que adotamos não deve se confundir com o conceito de Estado. A noção de governo reflete a diversidade de forças e de grupos que têm buscado, de maneiras heterogêneas, controlar a vida dos indivíduos e as condições dentro de territórios nacionais particulares, na busca de diversos objetivos. Nesse sentido, o Estado torna-se uma forma particular que o governo assumiu, e uma figura que não exaure o campo de cálculos e de intervenções que o constituem (Miller; Rose, 2012). Assim, os currículos oficiais e diretrizes são estratégias de governo e não do governo enquanto sinônimo de Estado.

Estudos sobre a saúde do homem podem envolver diferentes campos de saberes com abordagens atravessadas por diferentes entendimentos. Em muitos estudos procuram-se associar a questões socioculturais, justificando os limites dos cuidados em saúde: o próprio homem no cuidado de si e trazendo para a formação de quem cuida (profissionais da saúde). Estudar a construção das masculinidades

e suas configurações no ensino e nas práticas educacionais nos fará entender melhor seus atravessamentos e consequências na saúde. Estudar masculinidades na formação em saúde permitirá novos olhares e análises para que entendamos a complexidade relacional de um processo histórico que atravessa os modos de vida e que gera prejuízos. E assim com a metodologia de pesquisas pós-críticas, usaremos as teorizações e aspectos conceituais para compreender a problemática em questão e que nos conduzam a pensar novas formas de práticas educacionais e de vida.

DE ONDE PARTIMOS?

Foi seguido algumas etapas durante o percurso desse trabalho, partindo das especificidades no campo de estudo. Dos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)¹, que é uma instituição vinculada ao Ministério da Educação, com estrutura multi-campi de atuação nas cidades de Campina Grande, Cajazeiras, Cuité, Patos, Pombal, Sousa e Sumé. Tal universidade foi resultado do desmembramento da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)², sendo criada através da Lei nº. 10.419, de 09 de abril de 2002. Os cursos analisados estão no Centro de Formação de Professores (CFP) situado no alto sertão paraibano na cidade de Cajazeira-PB, com vagas oferecidas semestralmente. São os únicos cursos na área da saúde até então. A aproximação com os cursos aconteceu por meio do contato (direto ou remoto, a depender da situação atual) com os (as) coordenadores (as) dos Cursos de Enfermagem e Medicina, para explicar o objetivo da pesquisa e solicitar os documentos a serem analisados.

A cidade de Cajazeiras-PB, ao longo de sua história, consolidou-se como importante polo regional no âmbito da educação, saúde, comércio, comunicação, arte e cultura, com elevado potencial para, a partir das suas características e inteligência, desenvolver ações que contribuem com a redução das distorções sociais e econômicas inerentes à população sertaneja. É no setor educacional, que a cidade de Cajazeiras tem se destacado com maior dinamismo. As suas origens ligadas a uma escola, sob a orientação do Padre Inácio de Sousa Rolim 8, que fundou a Escolinha da Serraria por volta do ano de 1829, foi o ponto de partida para a

1 Para mais informações sobre a UFCG - conferir o link <https://portal.ufcg.edu.br/>

2 Para mais informações sobre a UFPB - conferir o link <https://www.ufpb.br/>

vocação educativa da cidade, tornando-se conhecida a afirmação ufanista de que Cajazeiras foi a cidade que ensinou a Paraíba a ler. Além de sediar a primeira escola do Alto Sertão Paraibano, uma geração de estudantes oriundos de vários estados do Nordeste passou pelos bancos escolares do antigo Colégio Salesiano e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC)³.

A criação desses Cursos no CFP/UFCG, em Cajazeiras-PB, foi de fundamental importância para maior consolidação do compromisso do CFP com as demandas sociais e de saúde do município e da região. Os referidos cursos vêm formando profissionais na área de Enfermagem e Medicina que associados às atividades fins da Universidade – ensino, pesquisa e extensão – possibilitam a minimização dos problemas de saúde enfrentados pela população do Alto Sertão da Paraíba.

ANALISAMOS O QUE ESTÁ ESCRITO

A instituição forneceu os currículos com respectivos conteúdos (arquivos em PDF, online e impresso), contidos em seu projeto pedagógico de curso (PPC), dessa forma poderemos selecionar as disciplinas, conteúdos, os projetos de extensão e de pesquisa desenvolvidos na instituição, serão estas informações organizadas, para assim poderem ser analisadas.

Nosso objetivo, ao utilizarmos essa forma de pesquisa é encontrar pontos para inicialmente pensarmos sobre como localizarmos os produtos das masculinidades nos discursos que se concretizam em ações para as construções dos currículos e práticas educativas em saúde. Foram abordados sobre suas atividades e como eles incluem e excluem aspectos da saúde integral do homem, sobre gênero e se abordam as diferentes masculinidades e tipos de homens, incluindo aqui o espectro LGBTQIA+, suas relações e quais as concepções sobre isto.

Os documentos analisados estão descritos no quadro abaixo:

Quadro 1 - Documentos analisados na pesquisa

Política Pública de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH)
Plano de Ação Nacional - PAN (2009-2011) – da Política Pública de Atenção Integral à Saúde do Homem

3 Para mais informações sobre a FAFIC - conferir o link <https://fafic.uern.br/default.asp?item=fafic-apresentacao>

Resolução nº 569 de 8 de dezembro de 2017 - Aprova o Parecer Técnico nº 300/2017, que apresenta princípios gerais a serem incorporados nas DCN de todos os cursos de graduação da área da saúde
Resolução CNECES n 3, de 20 de junho de 2014 - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências
Resolução CNE CES n 3, de 07 de novembro de 2001- Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem
Resolução nº 573, de 31 de janeiro de 2018 - Aprova o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem
PPC do curso de Enfermagem, aprovado em 2018
PPC do curso de Medicina, aprovado em 2017

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

ANALISAMOS OS DISCURSOS

Os discursos sempre fundamentam o conhecimento e este mantém íntimas relações com o poder. O que consideramos conhecimento é importante considerar o que produzem e quais efeitos exercem, e não somente como são criados ou regulados. Dessa forma, em análises sobre o sujeito, os discursos passam a ser considerados, saindo do critério universal e sendo visto a partir de identidades e diferenças, onde as multiplicidades e pluralidades são reconhecidas. E nessa perspectiva de “[...] formação da identidade e da subjetividade constituem categorias dominantes na teoria pós-crítica, onde não existe uma certeza absoluta, mas simplesmente ideias que não podem ser fixadas como verdades” (Pacheco, 2013). O discurso é entendido como “[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 2019, p. 132).

A identificação dos sujeitos enunciadoreis pertinentes à questão a ser trabalhada se faz necessário, uma vez tendo escolhido o tema, deve-se perguntar sobre os sujeitos enunciativos ligados a ele. Quem, de alguma forma, tem algo a dizer (ou a calar) sobre o assunto. Os sujeitos enunciativos aqui referidos podem ser tanto empíricos (pessoas) quanto arquivo (material impresso ou documentos). Quanto mais sujeitos enunciativos forem envolvidos, maior tende a ser o escopo da análise discursiva sobre o tema e maior a probabilidade de aparecerem mais questões de trabalho (Souza, 2014, p. 22).

Nessa perspectiva foucaultiana, os enunciados se constituem a partir de outros já produzidos nas falas dos sujeitos, dentro de um grupo, onde se busca a verdade deixando de ser uma simples unidade gramatical. E assim por esses sistemas de enunciados, que não apenas constitui a pronúncia das palavras, mas de ações que surgem a partir de uma condição de existência. Procurar entender um enunciado é entendê-lo dentro de um discurso, dentro de um conjunto de saberes, no qual a frase gramaticalmente só vai ter sentido a partir de uma ação (Morais, 2017). Dessa forma, a língua não existiria se não houvesse enunciados, de acordo com Foucault (2012):

“nenhum enunciado é indispensável à existência da língua. A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição obtida a partir de um conjunto de enunciados reais” (Foucault, 2012, p. 103).

Formar um discurso é praticar uma produção de sentidos, entendendo um discurso é gerada uma ação. Assim, podemos entender que o sujeito é uma produção discursiva e uma função dos discursos. Essa forma de entendimento possibilita interpretar diferentes modos de compreender a formação dos saberes, entendendo que surgem para promover dominação dos indivíduos (Azevedo, 2013).

Problematizações mexem com os padrões impostos pelo campo científico, possibilitado a quem pesquisa que terça reflexões individuais (Meyer; Paraíso, 2014). Olhando de formas diferentes o que já está determinado, e foi deste modo que nós agimos, subvertendo, estranhando o que é aceito como normas nos currículos sobre masculinidades, desprendendo-nos dos conceitos homogêneos e hegemônicos, fazendo uma releitura e estabelecendo novos sentidos. Foi um desbravar no movimento para o conhecimento.

Dessa forma, compreendemos que o discurso se constitui numa prática que construirá sentidos nas relações e nos enunciados. Foucault (2006) também esclarece que existem elementos que podem mascarar os discursos, são fundamentais para a sua construção, os ditos formadores do discurso.

Eu me dei como objeto uma análise do discurso, fora de qualquer ponto de vista. Meu programa se fundamenta tampouco nos métodos da linguística. A noção de estrutura não tem nenhum sentido para mim. O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento (Foucault, 2006, p. 255)

Para Foucault (2006), a linguagem é determinante para formar sujeitos, criando-se histórias em diferentes modos. E o percurso de sua história será importante para entender o sujeito como indivíduo social, isto determina sua atividade arqueológica. Entendendo-se a ordem dos sentidos e não só as repetições das falas, partindo do próprio lugar de quem se fala e a estrutura. Esse novo formato do pensamento gera a fundamentação do sujeito para o filósofo, e caracteriza os temas da vida, do trabalho e da linguagem, e analisa a mudança dos saberes da época clássica para a época moderna (Azevedo, 2013).

O material escrito coletado dos cursos em questão foi analisado seguindo a perspectiva apresentada. O principal sentido dessa análise foi identificar inicialmente pontos que se relacionam ou façam abordagens à formação em saúde do homem, ou que possam levar a enunciados sobre o tema apresentado, ou seja, uma concepção de prática em saúde profissional que se construa ou constroa sobre as relações do gênero. Ainda foi visto como são realizados os conteúdos, os momentos e suas relações com outros saberes. Procuramos entender os sentidos colocados em questão, quais as percepções acerca do desenvolvimento nas práticas de pesquisa e extensão. Assim, com essas análises de documentos, entendemos a construção da lógica formativa expressa nos moldes do currículo escrito.

Os documentos e as palavras escritas se constituem como construções de discursos e conseqüentemente as práticas decorrentes desses. Analisaremos como estão (ex)postos, relacionando a sua produção histórica e momento político, seguindo assim uma perspectiva de análise foucaultiana (Fischer, 2001).

A partir do que foi dito, seguimos com as estratégias da perspectiva pós-crítica, questionando, ao mesmo tempo em que problematizamos e construímos o conhecimento. Essa [...] "metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas" (Meyer, 2012, p. 15). E a partir daí, buscaremos encontrar o sentido de verdades nos discursos, tentando entender o que realmente foi dito, sem nos preocuparmos com o que não está exposto (Fischer, 2001).

O que foi colocado em movimento pelos discursos, procuramos entender os movimentos de suas construções, quais as práticas inseridas por essas falas. Encontramos os sujeitos produzidos por esses discursos e o que reproduzem da noção dos espaços generificados, e do que traduz no cotidiano a ideia de corpo sexualizado masculino, como lugar do não cuidado. Percebemos a influência da

masculinidade hegemônica no envolvimento dos cuidados em saúde e suas relações com a formação profissional.

Abro possibilidades para olhar e deixar em “xeque as verdades, movimento-me para multiplicar sentidos, formas, lutas” (Meyer; Paraíso, 2012, p. 18-19). Deixei fluir o pensamento permitindo olhar de outras formas os currículos que já se tornaram pontos de partida fieis à formação em um percurso de estabelecido. E que foi já definido como correspondente ao que se quer de um profissional da Enfermagem e Medicina. Caminho bem traçado por alguns, no qual foi tida como ponto de partida a escolha de saberes que marcariam os pontos de subjetivação desses currículos.

Os textos apresentados nesta tese foram analisados visualizando discursos, como definido por Silva (2010). Questões foram postas em movimento que nos abriu um campo de possibilidades, para entendermos pontos para o entendimento do que foi pesando para essa pesquisa. Assim, um “[...] conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação[...]” (Foucault, 2005, p. 122), nos permitiu olhar novos ângulos sobre a formação em saúde do homem. Tendo como ancora da vertente pós-crítica, com seu campo epistemológico, buscamos através desses estudar os sujeitos e suas formas de subjetivações no processo de relações de poder que circunscreve, e esse que atravessa os currículos com suas masculinidades, deixam suas marcas nas evidências das ações em saberes relacionado à saúde do homem.

São discursos constituídos por eles e neles, que formam os campos educativos em espaços institucionais, em meio a particularidades sociais de cunho econômico e político. São arquivos públicos analisados como monumentos normativos que se descrevem e se articulam como outros discursos (inclusive os culturais). Esses documentos de propriedade pública promovem e fazem circular diferentes saberes. Seguindo como propõe Paraíso (2012), foi necessário “[...] encontrar, coletar e juntar as informações disponíveis sobre nosso objeto de investigação a partir de uma incorporação de heterogêneos de diferentes campos de saber de modo resignificado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o funcionamento de práticas discursivas e não discursivas que direcionam, orientam, informam e definem modos como os profissionais de saúde da Enfermagem e Medicina no que diz respeito às masculinidades, nos permitiu

direcionar o olhar para problematizar e entender os atravessamentos do gênero na formação em saúde. As forças dos discursos sobre uma norma que formam profissionais e se engendra favorecendo outros discursos e atingindo as práticas em saúde e as vidas.

O que se ensina e é praticado no campo da saúde se articula em rede de saberes que favorecem diferentes modos de subjetivação, que implicam na mediação entre governo e a população de saberes de verdades já constituídas pelas ações que produzem os efeitos a partir das relações e comandos que estabelecem.

As análises realizadas nos possibilitaram perceber os efeitos das verdades, as forças principais nos atravessamentos das práticas profissionais que são mediadas pelas normas do currículo-texto, visualizamos também alguns pontos que atuam no modo de dispositivos de produtores de práticas que determinam o perfil profissional que se deseja. Dentro dessas particularidades entendemos que, esses documentos formam profissionais vistos pelo seu potencial de manifestação das relações de saberes e poderes, mas também quanto à produção dos modos de subjetivação.

Os efeitos do discurso formam os sujeitos, onde este nunca é sentido em uma condição prévia ao discurso. Dessa forma, analisar um discurso significa não ter que partir de um sujeito que se tenha como autor, ou procurar os sentidos materializando esses sujeitos ou instituições, pois a posição do sujeito é quem enuncia um discurso e traz em si uma instituição, expressando-se em um campo discursivo onde atende a uma norma no qual está inserido (Veiga-Neto, 2005).

De acordo com Foucault (1994) “[...] existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”. Dentro desta perspectiva, destacamos que não buscamos uma verdade, respostas ou fórmulas, nosso interesse está em nos debruçarmos com novos olhares, que possam produzir sim, novas possibilidades a partir de algumas perspectivas. Estamos partindo de um formato de currículo posto, determinado e cheio de verdades, que permitem a formação de um profissional adequado a determinadas ações em saúde. Encontramos novos caminhos, mas o velho ou outros nos motivaram a rever e problematizar os saberes produzidos, e ainda os percursos trilhados por outros. Buscando as possíveis inspirações e articulações para modificar o dito e o feito sobre a educação e o currículo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Filogênese. Marília: UNESP**, v. 6, n. 2, 2013.

CARDOSO, L. R. Nos rastros de uma bruxa, compondo metodologias alquimistas. *In:*

Dagmar Estermann Meyer; Marlucy Alves Paraíso. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, v. 1, p. 221-243.

CARDOSO, Livia de Rezende. **Homo experimentalis**: dispositivo da experimentação e tecnologias de subjetivação no currículo de aulas experimentais de ciências. 2012. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CARDOSO, Livia de Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Possibilidades de uma metodologia alquimista para pesquisar em educação e em currículo. **Revista e-Curriculum**, v. 11, n. 1, p. 270-290, 2013.

CORAZZA, S. M. **Labirintos de pesquisa, diante de ferrolhos**. *In:* COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, p. 197-223, 2001.

FIGUEIREDO, Wagner dos Santos. **Masculinidades e cuidado: diversidade e necessidades de saúde dos homens na atenção primária**. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. – 9ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2012.

LEITE, André Filipe dos Santos; OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. Trilhas de gênero, armadilhas do pensamento: Políticas da masculinidade em um currículo de medicina. **OP SIS**, v. 13, n. 2, p. 106-128, 2013.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother et al. Atenção integral à saúde masculina: a busca por atendimento psicológico em uma clínica-escola. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 1, p. 154-170, 2010.

MEYER, D. E. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (org.) Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, p. 13-18, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann et al. Vulnerabilidade, gênero e políticas sociais: a feminização da inclusão social. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 885-904, 2014

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Corpo, gênero e maternidade: algumas relações e implicações no cuidado em saúde. **Enfermagem em foco**, v. 2, n. 1, p. 18-22, 2011.

MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. Governando o presente: gerenciamento da vida econômica, social e pessoal. **São Paulo: Paulus**, 2012.

MORAIS, Hugo Arruda de. Michel Foucault e o discurso: as implicações teórico-metodológicas da análise do discurso a partir das perspectivas da arqueologia do saber

e da genealogia do poder. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife**, v. 6, n. 2, p. 183-196, 2017.

NARDI, H. C. **Saúde, Sujeito e Políticas Públicas**. Curso de Extensão ministrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Setembro, 2005.

PACHECO, José Augusto. **Teoria (pós) crítica: passado, presente e futuro a partir de uma análise dos estudos curriculares**. 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa**. Cadernos de Pesquisa. 2004, v. 34, n. 122, pp. 283-303.

PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. **Pesquisas sobre currículos, gênero e sexualidade**. Mazza Edições, 2018.

PEREIRA, Jamile; KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar Estermann. PNAISH: uma análise de sua dimensão educativa na perspectiva de gênero. **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 132-146, 2019.

SILVA, T.T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3^o edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, T. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: 2008.

SILVA, F. C. F. da.; MACEDO, M. M. K. A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 28, n. 2, p. 205-218, 2012.

SOUZA, S. A. F., **Análise de Discurso Roteiro sugerido para a elaboração de trabalho de análise**. 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.